

A preservação da face no texto falado: os procedimentos de atenuação enquanto estratégias sócio-interacionais

The preservation of the face in spoken text: mitigation procedures as socio-interactional strategies

Vanessa Hagemeyer Burgo¹

RESUMO: Este estudo procura evidenciar a atenuação no discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, observando, por meio de marcas lingüísticas deixadas na enunciação, os procedimentos empregados para a criação da face positiva. Pretende-se, sobretudo, discutir o valor ilocutório dos enunciados, assinalando o modo pelo qual a seleção e a combinação de certos elementos atendem às necessidades e propósitos do locutor em dada situação comunicativa. Vale ressaltar que o emprego dessas estratégias sócio-interacionais contribui para a construção do sentido do texto e para tornar explícitas as intenções do autor. O *corpus* é constituído por trechos de uma entrevista exibida pela Rede Globo de televisão e o arcabouço teórico está fundamentado em conceitos da Análise da Conversação.

PALAVRAS-CHAVE: Atenuação. Valor ilocutório. Estratégias sócio-interacionais.

ABSTRACT: The aim of this work is to highlight the attenuation observed in President Luiz Inácio Lula da Silva's discourse. By drawing attention to the marks left in the enunciation, we hope to expose the procedures he employs in order to create a positive public image (facework). Above all, we intend to discuss the illocutory value of certain utterances in order to verify how the selection and combination of various elements can achieve the speaker's needs and purposes in a given communicative situation. It is important to stress that the use of such sociointeractional strategies contributes to the construction of text meaning and makes the author's intentions explicit. The corpus is composed of excerpts from an interview aired by Globo, a television broadcasting channel, and the theoretical framework is based on concepts of Conversation Analysis.

KEYWORDS: Attenuation. Illocutory value. Sociointeractional strategies.

¹ PG/UEL.

Introdução

Grandes mudanças ocorreram a partir dos anos 60 no perfil da Lingüística. Além de cursos e pesquisas nas áreas tradicionais de Fonética, Fonologia, Gramática, Semântica e em Lingüística Histórica, desenvolvem-se também cursos e pesquisas em Sociolingüística, Pragmática, Análise do Discurso, Lingüística Textual, Análise da Conversação, Psicolingüística e Neurolingüística.

A constituição do discurso como objeto de estudo foi um avanço de extrema significância, já que os estudos anteriores mostravam uma preocupação com o estudo da língua “em si e por si mesma”. O uso lingüístico passou, então, a interessar os lingüistas para a compreensão da natureza da própria linguagem. Com a passagem da frase para o texto, este foi tomado como base de estudo, considerando-se a língua em uso, em situações concretas de comunicação.

Inserido no campo da Análise da Conversação, este estudo visa a discutir o papel dos procedimentos de atenuação enquanto estratégias sócio-interacionais, assinalando o modo como esses mecanismos são empregados em uma entrevista do Presidente Lula para a criação da face positiva. Pretende-se, sobretudo, realizar um viés de análise por meio do qual procuramos evidenciar os recursos utilizados pelo locutor em um texto falado para a obtenção de um determinado propósito.

O Texto Falado

Os textos orais são dados empíricos observáveis das condutas humanas. Sendo um instrumento de comunicação e interação, o texto falado traz como ponto relevante o “uso”, abrangendo o cognitivo e o situacional como forma de edificação da linguagem. Dessa forma, a fala não pode ser vista como uma mera verbalização, mas como uma modalidade de realização lingüística

altamente organizada, a qual requer uma análise focada em seu processo de construção.

Baseando-se na aceção de que são os usos que fundam a língua, Marcuschi (2001, p.9) afirma que “falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação”. O autor defende a idéia de que não é a morfologia ou a gramática que fundam o uso da língua, e sim, a intenção comunicativa.

Observa-se, como um aspecto extremamente relevante, o fato de ser a língua falada planejada localmente, no momento de sua execução. Ressalta-se, também, a existência de um contexto comum partilhado entre os interlocutores, assim como o envolvimento destes entre si e com o assunto da conversação. Esta representa uma das formas mais fortes de interação verbal, pois em função do dinamismo dos turnos, há a co-produção discursiva regulados por recursos de formulação constituídos no próprio discurso.

Diante da imprevisibilidade dos elementos estruturais, o texto conversacional pode parecer pouco elaborado em face da elaboração do texto escrito, já que, na fala, é possível perceber as estratégias e procedimentos organizacionais, ou seja, a construção do enunciado que, aliás, está sempre em andamento. O texto escrito padrão, por sua vez, não deixa perceber as marcas de sua elaboração, pois se apresenta acabado, coeso, com seqüência temporal. Segundo Koch (1992, p.69), “ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem” etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho”.

Chafe (1982) afirma que a fala é mais rápida que a escrita: o emissor dispõe de tempo mais para integrar uma sucessão de idéias em um conjunto lingüístico individual. Quando escrevemos, nossos pensamentos têm mais tempo de se mover à frente de outros, diferentemente da fala, em que produzimos apenas uma idéia em cada momento.

De acordo com Halliday (1989), a fala não é “pobre em conteúdo” no sentido geral de falta de informação e certamente não é desestruturada e

superficial. A falta de forma na fala é um artefato da transcrição. Se um texto escrito for reproduzido com todos os processos planejados deixados nele, este obviamente parecerá sem forma. A língua falada não é, pois, menos estruturada ou organizada do que a língua escrita.

No que concerne à estruturação do texto falado, Fávero, Andrade e Aquino (1999), organizam a conversação em níveis distintos:

- a) local: a interação se estabelece por meio de turnos (produção de um falante quando está com a palavra) em que os interactantes se intercalam e desenvolvem suas falas um após o outro, podendo acarretar momentos de hesitação, sobreposição e assalto de turno;

- b) global: há uma obediência a certas normas de organização global, ao mesmo tempo em que a organização local acontece, especialmente no que se refere ao tópico discursivo, ocasionando, por exemplo, a movimentação do tema inicial, interrompido por uma digressão e depois retomado.

Conclui-se, portanto, que a modalidade oral possui propriedades singulares e imutáveis. Trata-se de uma prática em que são considerados os valores funcional, interacional e situacional da linguagem.

As Atividades Ilocucionais

O texto falado pode ser compreendido como uma seqüência composta de atividades lingüísticas, mais exatamente, de atividades ilocucionais. Segundo Hilgert (1996, p.101), a atividade lingüística “está assentada no princípio da relação dialógica entre enunciador e enunciatário, na medida em que aquele enuncia, visando a um objetivo que, em última instância, cabe ao enunciatário realizar”.

Dentre as atividades ilocucionais, salientamos algumas que possuem funções pertinentes ao discurso presidencial, quais sejam: argumentar, expor, responder, replicar, refutar, fundamentar, justificar, explicar, repetir, complementar, parafrasear, resumir, corrigir, enfatizar, entre outras.

A enunciação ilocucional é ocasionada por um propósito específico intencionado pelo locutor em relação ao seu interlocutor, isto é, o enunciador pretende que o enunciatário apresente determinada reação. No que tange ao discurso político, assinalamos como um objetivo freqüentemente pretendido pelo falante, o de fazer com que o ouvinte creia em algo. Hilgert (1996) postula que, para atingir um objetivo ilocucional, é necessário que o enunciador garanta condições suficientes para que sua intenção seja identificada pelo enunciatário e isso cause a aceitação do mesmo em relação ao objetivo proposto.

De acordo com o mesmo autor, em síntese, verifica-se que:

[...] a realização hierárquica das atividades ilocucionais põe em evidência o intrínseco caráter interacional dessa realização. O enunciador produz a enunciação movido pela intenção de provocar uma reação no enunciatário. Para tanto exige-se uma enunciação adequada, em condições de assegurar ao enunciatário a compreensão, a qual o poderá levar a aceitar o objetivo do enunciador e lhe mostrar a reação desejada (p. 104-105).

As Estratégias Sócio-Interacionais e o Princípio da Preservação da Face

A projeção do locutor, muitas vezes, não se dá de forma clara, podendo ser julgada como um artifício que resulta em uma estratégia para alcançar um fim pretendido.

Segundo Koch (1997, p. 30):

Estratégias interacionais são estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. Entre elas, podem-se mencionar, além daquelas relativas à realização dos diversos tipos de atos de fala, as estratégias de preservação das faces ("facework") e/ou de representação positiva do "self", que envolvem o uso das formas de

atenuação, as estratégias de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos malentendidos, entre outras.

Por se tratar de uma atividade na qual se instituem constantes negociações entre os interactantes, a conversação propõe, geralmente, uma ameaça potencial à face dos participantes. Entende-se por face a auto-imagem pública que cada indivíduo constrói de si mesmo e que deseja preservar.

Em conformidade com Marcuschi (1989), todo indivíduo possui uma face positiva e outra negativa. A primeira seria a busca de assentimento e aceitação de sua personalidade e desejos. A segunda, por sua vez, trata-se do âmbito pessoal a ser protegido, a independência de ação, sem imposições. Como o interesse de preservação da face é mútuo, cada pessoa funda estratégias que buscam reduzir os riscos de ameaças.

Tendo em vista que os recursos de preservação da face – entre os quais, se salientam as formas de polidez, os marcadores de atenuação, entre outros – são, freqüentemente de caráter verbal, o princípio de defesa da auto-imagem pública, incide, pois, sobre as formas interacionais e também sobre as formas gramaticais. Dessa forma, procedimentos que ameaçam a face positiva (por exemplo, insultos, acusações etc.) ou a face negativa do ouvinte (no caso de ordens, pedidos etc.) são regidos por alguma marca prosódica ou verbal, vinculada ao efeito ou objetivo que o locutor pretende atingir. Essas mesmas marcas aparecem nos procedimentos que ameaçam as faces positiva (auto-humilhações, autoconfissões, etc.) ou negativa do falante (agradecimentos, desculpas, etc).

Koch (1997, p.141) assinala que:

A estratégia de preservação das faces manifesta-se lingüisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e dos marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

Marcuschi (1989) assinala que, mesmo que tal princípio esteja relacionado a um conjunto parcial de marcadores conversacionais, com funções específicas, como a polidez e a atenuação, sua atuação pode ser vista de

maneira mais extensa. O autor, então sugere a hipótese de que “a noção de polidez pode ser tomada num sentido mais amplo de englobar, por exemplo, a própria noção de função fática ou de contato, já que o simples fato de marcar presença ou marcar atenção é um sinal de polidez.” (p. 285)

Os Procedimentos de Atenuação

O emprego de expressões ou marcadores de atenuação pode colaborar, tanto para abrandar situações de confronto, como para minimizar a falta de compreensão por parte do ouvinte. O falante, ao deparar-se com determinadas dificuldades (má interpretação de seu enunciado, reconhecimento de um vocábulo inadequado, falha de memória, problemas com a seleção lexical, etc.), esforça-se para firmar novas convenções com seu interlocutor de modo a assegurar uma interação pacífica.

Em conformidade com Galembek (2002, p.85):

Os marcadores de atenuação com marcas de subjetividade preservam a auto-imagem construída pelo falante (face), e são igualmente utilizados para provocar no ouvinte o efeito desejado. Essa dupla destinação constitui uma evidência bastante positiva acerca do fato de que a noção de sujeito é binária e transitiva: a marca do sujeito traz, em si, o reconhecimento de que essa marca assinala a presença em face do interlocutor.

Cabe considerar que o valor de atenuação presta-se a baixar a força ilocutória do enunciado, principalmente quando há a exposição direta do falante, como nos casos de pedidos, recusas, perguntas diretas ou indiretas, respostas, prefaciadores de opinião, etc. Entretanto, é preciso registrar que a atenuação é apenas uma das representações de intersubjetividade, sendo que a maior parte das marcas de pessoalidade e interpessoalidade não opera a função atenuativa.

É importante assinalar, ainda, que determinados marcadores de opinião podem apresentar valor atenuativo, pois evidenciam uma opinião pessoal e, por esta razão, manifestam a subjetividade. Dessa forma, eles não apenas revelam

a presença do interlocutor, como também contribuem para reduzir a responsabilidade do falante em relação ao parecer exposto.

Análise do *corpus*

Quanto à constituição do *corpus*, foi gravada uma matéria transmitida no programa Fantástico, da rede Globo, em julho de 2005, na qual o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva discorre acerca dos problemas enfrentados pelo governo. Vale ressaltar que o material em questão foi obtido de forma espontânea, ou seja, o texto não foi lido. Como segundo procedimento, houve a seleção dos segmentos que mais apresentavam elementos para a análise e, em seguida, procedemos à transcrição, a qual foi realizada conforme as regras sugeridas pelo projeto USP-NURC/SP (1993), coordenado pelo professor Dino Preti.

- a) (...) *"meus adversários ahn ahn ahn ahn devem ter ficado um pouco indignado que é todas essas denúncias de corrupção... não chegou ao governo... e pelo contrário nas últimas pesquisas mostrou que o governo teve um crescimento... sabe? o po/significa que... o povo brasileiro está sabendo distinguir bem... o que o que o que é denúncia verdadeira... o que o governo está apurando... e o que é:: peça de discurso... de pessoas que querem fazer discurso ou seja... toda vez que alguém faz relações... sobre corrupção e não dá um nome concreto... fica difícil apurar..."*(...)

O segmento acima reúne uma série de expedientes que visam a atender a necessidade imediata do sujeito em se defender e, simultaneamente, associar a própria posição com valores positivos, afastando os negativos que, por ventura, possam vir a lhe causar inconvenientes. Inicialmente, observa-se a ocorrência de um marcador conversacional não-verbal que indica hesitação e, ao mesmo tempo, preenchimento verbal: *"ahn ahn ahn ahn"*. Em função de o

texto falado ser planejado localmente, o planejamento, portanto, desenvolve-se simultaneamente à execução. Por essa razão, é comum que nesse momento, haja a ocorrência de silêncios que indicam hesitação ou dificuldades na formulação do texto. De acordo com Galembeck e Carvalho (1997, p.842), “o problema é que o silêncio (pausas não-preenchidas) torna particularmente vulnerável a posição do locutor, pois permite que o turno venha a ser ocupado pelo outro interlocutor.” Por isso, o falante visa a preencher as pausas por meio de determinados marcadores como *ahn*, *eh*, *ah*, entre outros, e de alongamentos. Cabe ressaltar que ambos os recursos podem ocorrer de forma combinada.

O entrevistado menciona que seus adversários ficaram um pouco indignados pelo fato de as denúncias não terem chegado ao governo. O sujeito, entendendo que seu dizer pode não ser inteiramente partilhado, antecipa a representação do outro, fundando sua estratégia no discurso por meio da inserção do termo “pelo contrário”, que contribui para reverter a situação (o governo desconhecer o teor das denúncias) a seu favor. Empenha-se em acrescentar uma afirmação baseada em dados estatísticos (pesquisas mostraram o crescimento do governo), na tentativa de convencer o enunciatário a estar de acordo. Trata-se de uma estratégia altamente persuasiva e argumentativa, especialmente porque há, também, o emprego do marcador conversacional “sabe?”, com função de busca de aprovação discursiva e envolvimento do ouvinte.

O crescimento do governo, segundo o falante, significa que o povo brasileiro está sabendo distinguir bem o que é denúncia verdadeira do que é peça de discurso. O autor se vale de uma conclusão pessoal para criar o efeito de um julgamento coletivo; o interlocutor é chamado a um dizer junto, a um co-dizer, inserido dialogicamente no discurso. Trata-se de um cuidado em desfazer possíveis objeções ou discordâncias de pontos de vista. A subjetividade discursiva é projetada no texto e a apreciação valorativa do emissor é impressa de maneira sutil, visto que ele iria iniciar sua fala diretamente “*o povo brasileiro...*”, mas opta pela quebra da palavra “povo” e pela refacção do enunciado: “*o po/significa que... o povo brasileiro está*

sabendo distinguir bem...". Esse procedimento serve como um atenuador, uma vez que ajuda a amenizar a afirmação por intermédio de uma reelaboração textual. Com isso, a conclusão exposta parece estar pautada em um resultado de pesquisa e não na opinião do falante apenas, distanciando uma completa responsabilidade e transferindo-a para os dados que comprovam sua explicação.

Há, também, o alongamento em "é::". Vê-se, novamente, a utilização de um mecanismo que serve para preencher um vazio na fala, o qual poderia tornar vulnerável a passagem de turno à repórter. Essa manutenção de turno serve também para ganhar tempo para a elaboração textual, para a busca de um léxico mais adequado.

Observa-se, mais uma vez, o uso de "ou seja". Trata-se de uma paráfrase atenuadora por meio da qual o sujeito legitima a dificuldade de apuração das denúncias de corrupção, alegando, para tanto, a falta de nomes concretos. Dessa forma, passa-se a impressão de que o governo, ao contrário do que muitos possam pensar, sobretudo os adversários, não está poupando esforços para investigar a verdade dos fatos, entretanto, é difícil de se apurar denúncias quando não se tem dados concretos, apenas relações sobre corrupção feitas por "alguém".

É pertinente analisar o trecho em que o falante faz menção ao que é denúncia verdadeira, o que o governo está apurando e o que é peça de discurso de pessoas que querem fazer discurso. Essas "pessoas que querem fazer discurso" podem ser entendidas como aquelas que procuram tirar proveito da situação em benefício de seu grupo ou partido, quais sejam: seus opositores. Essa alusão, portanto, é feita de maneira indireta. Na visão de Dascal & Weizman (1987 apud Koch, 2002, p. 30), a indiretude é responsável pelo desalinhamento entre o que é expresso e o que é pretendido, isto é, "o descompasso entre a informação explícita e fatores como conhecimento de mundo, princípios comunicativos, condições de adequação e outros." O texto fornece pistas para o reconhecimento da necessidade de preenchimento de lacunas e indícios co-textuais e contextuais para a apreensão do sentido visado pelo emissor. Pode-se depreender que o falante não se expõe aberta e

claramente; há, no seu dizer, uma opacidade, ou seja, ele possui limitações, não diz tudo o que quer explicitamente. Ele fala o que pretende, mas dentro de certas circunstâncias. Sendo um estadista, não pode correr o risco de ter sua face positiva arranhada, preferindo, então, não citar nomes para livrar-se da responsabilidade de acusar alguém de modo leviano.

b) (...) *"o que é importante prá mim é que... ãhn... eu gostaria que que não acontecesse isso... eu acho que o Brasil não merece isso porque o Brasil tá vivendo um bom momento na sua economia... o Brasil tá vivendo um bom momento na geração de empregos... ãhn... e eu gostaria que fosse tudo diferente mas não é... faz parte da política... nós temos que encarar isso com... a tranqüilidade que... que que u/um dirigente tem que ter... e vamo ver... sabe? se os nomes aparecem... e se as provas... aparecem... para que as pessoas possam ser punidas"*(...)

c) (...) *"eu na verdade quando tomei posse eu tinha uma preocupação muito forte com a questão da política econômica... isso foi resolvido e foi resolvido porque tivemos paciência... foi resolvido porque não tomamos nenhuma atitude populista... foi resolvido porque soubemos esperar o tempo certo de fazer as coisas..."*(...)

Por meio da colocação: *"o que é importante prá mim é que... ãhn... eu gostaria que que não acontecesse isso..."*, o autor tende a demonstrar uma preocupação com os atuais problemas, gerando uma atmosfera de insatisfação. É também uma forma tênue de expor que não era sua intenção (e talvez até sua culpa) fazer o país atravessar todas essas dificuldades. A impressão que se tem é a de que ele está profundamente descontente, mas ao mesmo tempo, tranqüilo, pois o que importa para ele realmente é saber que não era esse seu desejo. Esse efeito é reforçado pelas marcas de planejamento verbal ("ãhn") aliadas às pausas e repetições ("que que"), as quais denotam um certo embaraço.

Apesar de se colocar em um plano individual (eu), muitas vezes, o sujeito se apóia em um dizer coletivo, encoberto por uma suposta opinião pessoal, como no trecho: *"eu acho que o Brasil não merece isso"*. Em razão da crise política que o Brasil vem enfrentando, dizer que o Brasil não merece isso é um senso comum. O falante pode, perfeitamente, manifestar-se sem o auxílio do marcador "eu acho que", porém, este confere ao discurso um tom de insatisfação, expresso por meio de uma opinião própria; o locutor pretende transmitir seu sentimento de indignação, seu pesar em relação aos últimos acontecimentos.

As repetições são instrumentos valiosos para a argumentação e, principalmente, para desviar a atenção do ouvinte para exemplos de desenvolvimento político que vêm indicando êxito, como o campo da economia e geração de empregos. Esse tipo de recurso ajuda a converter um assunto inconveniente em um outro bastante adequado.

No segmento *"o Brasil tá vivendo um bom momento na sua economia... o Brasil tá vivendo um bom momento na geração de empregos... ãhn... e eu gostaria que fosse tudo diferente mas não é... faz parte da política..."*, vemos que há a recorrência da indiretude e da preservação da face combinadas. Na verdade, o "Brasil", ao qual o falante se refere pode não corresponder realmente ao país em si, mas ao próprio governo, que precisa ser exaltado com bons exemplos. Trata-se de uma maneira de dizer que, apesar de tudo, o Brasil está passando por momentos bons, os quais se devem à atual presidência. Entende-se que "o governo fez coisas positivas em algumas áreas, mesmo que a corrupção tenha atingido grandes proporções". Desse modo, o emissor alcança seu objetivo: o de mostrar suas conquistas, eximindo-se de uma possível posição demagoga.

Ao ser questionado se sentia um peso muito maior hoje do que quando foi eleito Presidente da República, o locutor expõe:

d) *"Não... ou seja... hoje eu tenho muito mais consciência... do que é administrar um país como o Brasil..."* (...)

Com efeito, trata-se de uma pergunta que coloca o falante em uma situação delicada. Ele poderia responder que sim, sente maior peso hoje do que quando foi eleito, uma vez que naquela época, a recém eleição era apenas o início de uma caminhada, a realização de uma meta que foi perseguida por muitos anos. No entanto, o emissor, na intenção de não parecer enfraquecido, diz que não, já inserindo uma espécie de explicação para tal assertiva: hoje ele tem mais consciência do que é administrar um país como o Brasil. Essa justificativa, precedida pelo termo “ou seja”, faz com que o interlocutor pense que ele, atualmente, está muito mais preparado para enfrentar as adversidades do que antes. É mais uma forma de preservação da face, visto que distancia uma possível imagem negativa (sentir as conseqüências de governar uma nação julgando ser do jeito que imaginava), aproximando uma positiva, a de mostrar experiência como líder.

A repórter faz duas perguntas ao presidente:

"O senhor sente saudade da época em que era sindicalista e oposição?"

"O senhor foi criador do Partido dos Trabalhadores... impossível não associar a sua imagem à imagem do partido... hoje ele comemora vinte e cinco anos e infelizmente está envolvido em todas essas denúncias de corrupção... eu queria saber... onde foi que o pai Lula errou?"

Para respondê-las, o locutor utiliza o mesmo recurso de envolvimento do ouvinte:

e) *"Veja... éh saudade não... até porque: ãhn... passei a vida inteira brigando prá chegar onde cheguei ãhn:: na verdade quando você é oposição você tem mais facilidade porque você não tem... a responsabilidade de fazer... você só tem a responsabilidade de cobrar..."*

(...)

f) *"(risos) olha... eu... eu tenho o PT como um filho porque... ãhn... eu ajudei eu sou um dos fundadores do PT..."*(...)

O autor ganha tempo para se preparar para uma exposição delicada. Tanto o "veja" quanto o "olha" perdem o sentido original de "ver" e "olhar" como verbos para atuarem como preenchedores verbais. Eles também adiam o enunciado subsequente, mantendo o *"canal de interlocução em aberto, enquanto se procura o rumo da formulação a ser dada ao tópico."* (RISSO, 1998, p.795)

Em conformidade com Riso (1998, p.798):

A tendência para a cristalização semântica característica dos M., de modo geral, define aí um pagamento da referência à ação visual expressa pelo verbo. No estatuto discursivo do M. em questão, essa referência aparece remanejada para a expressão de uma espécie de envolvimento cognitivo proposto ao ouvinte, em forma de um chamado de sua atenção para a informação dada logo a seguir.

O exemplo (f) traz, ainda, um sinal paralingüístico que serve como pista de contextualização no texto: os risos. Eles operam, predominantemente, neste caso, como atenuadores, pois contribuem para gerar uma atmosfera mais leve em relação à capciosa pergunta "onde foi que o pai Lula errou?". Aproveitando a própria comparação de "pai" do partido, o locutor usa esse marcador não-verbal que o beneficia em atribuir um tom de brincadeira à questão, amenizando, assim, o clima e levando a interação a bom termo.

Considerações Finais

As situações reais de interação não se fazem apenas por meio da aplicação de normas lingüísticas. A língua dispõe dos recursos, mas é necessário levarmos em conta como estes se encontram organizados para que os interactantes possam fazer inferências. Além da competência lingüística, a apreensão de sentidos envolve, ainda, as dimensões sociocognitiva cultural, textual e procedimental (uso finalístico do texto). Assim, mesmas estruturas

lingüísticas podem assumir significados diferentes dependendo dos interlocutores, suas intenções e todo o contexto que os envolve. Logo, o sentido de um texto não é dado, mas construído na própria interação.

Observamos, no corpus, que o emprego de certos atenuadores colabora, significativamente, para reverter situações difíceis ou delicadas, minimizando a carga problemática de determinados assuntos. No âmbito político, tais procedimentos servem muito bem aos propósitos do falante em manter, ou não deixar ferir, a imagem positiva de si ou de seu grupo. Esse tipo de estratégia sócio-interacional funciona, também, como estratégia de persuasão, pois visa à busca de aprovação discursiva e o envolvimento do ouvinte. Ademais, contribui tanto para amenizar aspectos políticos desfavoráveis quanto para transmitir certo distanciamento do falante em relação ao seu enunciado.

Houve, ainda, a frequência do termo “ou seja”, pelo qual podemos perceber que os sentidos X e Y foram identificados por meio de paráfrases, que não se abrem para uma interpretação qualquer, mas que direcionam o discurso para um determinado sentido: aquele que representa o ponto de vista adotado pelo enunciatador, anulando outros que não lhe convêm no momento. Castilho (2000, p. 75) salienta que a Linguística do Texto recuperou o sentido definido na Retórica de Aristóteles acerca da paráfrase, entendendo-a como a transformação de um mesmo sentido em outro diferente. “O paradoxo da paráfrase está nisso: é uma repetição de conteúdos que, precisamente por terem sido repetidos, se acrescentaram semanticamente, e nesse sentido, mudaram”.

Por meio dessas marcas lingüísticas deixadas na enunciação, pode-se perceber como o falante, com objetivos definidos, elabora estratégias que orientam seu discurso para produzir um efeito de sentido mais apropriado, ou seja, atenuar uma situação, de forma a preservar sua imagem positiva e, assim, obter o assentimento do ouvinte. A saber, a partir da análise desses expedientes utilizados na língua falada, é possível a observação de como o texto vai sendo construído, tornando as etapas do processo enunciativo mais evidentes e possibilitando a apreensão de possíveis interpretações.

Referências

- CASTILHO, A. T. *A Língua Falada no Ensino de Português*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CHAFE, W. L. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood: N. J. Ablex, p. 35-53. 1982.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. *Oralidade e Escrita: Perspectivas Para o Ensino Da Língua Materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO; K. A. Os Marcadores Conversacionais na Fala Culta de São Paulo. In: *Projeto NURC* (Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo). São Paulo, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and Written Language*. Editor de série: Frances Christie. Oxford University Press, 1989.
- HILGERT, J. G. Esboço de uma Fundamentação Teórica para o Estudo das Atividades de Formulação Textual. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do Português Falado*. (Org.) Campinas: Unicamp/FAPESP. Vol III: As Abordagens. 1996.
- KOCH, I. G. V. *A Inter-Ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____ *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____ *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez. 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: Formas, Posições e Funções*. Campinas: Unicamp, 1989.
- _____ *Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PRETI, D. (org.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo, FFLCH/USP, 1993.
- RISSO, M., S.; JUBRAN, C. C. A. S. O Discurso Auto-Reflexivo: Processamento Metadiscursivo do Texto. *Delta*. Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Vol. 14, nº especial, p. 227-242. 1998.
- RISSO, M. S. Respostas Prefaciadas na Interlocução Oral: O Papel dos Marcadores Bom, Bem, Olha, Ah. GEL. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Estudos Lingüísticos XXVII – *Anais de Seminários do Gel*. São José do Rio Preto. São Paulo, p. 795-800. 1998.